

## **“NA ESCOLA NÃO PODE LUTAR”: O ESTUDO DO BOXE COM OS 1<sup>OS</sup> ANOS**

Everton Arruda Irias  
EMEF Raimundo Correia

O trabalho relatado a seguir ocorreu no primeiro semestre de 2014, na EMEF Raimundo Correia, escola pública pertencente ao município de São Paulo, localizada no bairro do Jardim Helena, correspondente à DRE São Miguel. Este trabalho buscou se direcionar pelos pressupostos teóricos que amparam a perspectiva cultural da Educação Física, descritos nos cadernos de Orientações Curriculares do Município (Ensino Fundamental I e II), para esta área do conhecimento (caderno este recebido pelas escolas no ano de 2010), além de outras referências bibliográficas acessadas e que abordam esta mesma perspectiva curricular. Este relato aborda uma experiência de estudo com as crianças dos 1<sup>OS</sup> Anos A, B, C e D desta escola.

Ao iniciar o ano letivo com estas turmas procurei estabelecer um diálogo com as crianças para saber quais eram as suas representações acerca das aulas de Educação Física, considerando que as mesmas, nos anos anteriores, em suas respectivas escolas (EMEIs – escolas municipais de educação infantil) ainda não tiveram contato com esta área de conhecimento. Em algumas das turmas o silêncio pairou, enquanto em outras algumas crianças arriscaram dizer que, conforme falas de familiares, a Educação Física era “um momento para fazer exercícios”. Ainda neste mesmo diálogo, tentei mapear as manifestações corporais acessadas pelas crianças nas suas respectivas escolas, nos anos anteriores, surgindo assim diferentes tipos de brincadeiras. Prosseguindo a conversa, numa aula posterior, após abordar sobre alguns dos possíveis eixos temáticos que poderíamos estudar em nossas aulas, busquei fazer um levantamento das brincadeiras, lutas, danças, ginásticas e esportes acessados pelos alunos fora do ambiente escolar. Neste diálogo, algumas falas interessantes surgiram de algumas crianças quando citadas determinadas manifestações corporais. Por exemplo: alguns disseram que “o funk era do mal”; que o “balé era apenas uma atividade realizada por meninas”; e que não era possível falarmos sobre lutas na escola porque “na escola não pode lutar”.

Prosseguindo com o processo de mapeamento, algumas imagens de práticas corporais, abordadas pelas crianças nas discussões anteriores, foram levadas até a sala para que pudéssemos discutir um pouco mais sobre as mesmas. Nesta conversa, as crianças puderam apontar os conhecimentos que possuíam acerca destas manifestações

corporais, assim como alguns dos significados que atribuíam as mesmas. Novamente, alguns pontos chamaram a atenção durante o diálogo: quando mostrada a imagem de um homem dançando balé e quando algumas lutas foram observadas (capoeira, boxe e caratê). Algumas crianças, de cada sala, principalmente meninas, afirmaram já terem feito balé; uma das alunas do 1º Ano A disse que seu pai era lutador de boxe; e uma das alunas do 1º Ano C afirmou realizar caratê em sua igreja. Além disso, muitas crianças conseguiram reconhecer alguns dos códigos sociais presentes nas imagens das lutas mostradas.

Retomando o Plano de Ação da escola e, apesar de não participar dos momentos de reuniões coletivas (JEIF), também o Projeto Especial de Ação da unidade escolar, que neste ano continuava a abordar o tema “Ler e escrever”, percebi que as ações, os objetivos, e os projetos propostos davam margem a escolha de uma grande e diversa quantidade de temas para as aulas de Educação Física. Desta maneira, para que pudesse definir o nosso tema de estudo, considerei, principalmente, a cultura de chegada das crianças, a partir do diversos momentos de diálogo estabelecidos até então. Sendo assim, me chamou a atenção as constantes falas das crianças acerca do fato de “Não ser possível lutar na escola”, sendo que, quando indagadas sobre isto, afirmavam reproduzir falas de familiares e de outros professores da própria unidade escolar. Desta forma, daríamos início a algum tipo de luta.

Para definirmos a luta que começaríamos a estudar, solicitei aos alunos das diferentes turmas, que fizessem um desenho numa folha de sulfite da luta que possuíam maior contato no contexto extra-escolar, e que se atentassem aos materiais utilizados pelos(as) lutadores(as), ao local onde a luta ocorria, e às próprias características dos(as) lutadores(as). Ao analisar, posteriormente, as produções dos alunos, percebi que o boxe seria o nosso tema de estudo.

Na aula seguinte, levei até as salas um par de luvas de boxe (na verdade, luvas de “bate saco”) e um saco de pancadas (objeto que já fazia parte dos materiais destinados aos professores de Educação Física da escola) e perguntei aos alunos o que eram aqueles materiais, em qual luta eram utilizados, e como eram utilizados. A maioria das crianças afirmou que estes materiais eram usados na luta de boxe, que as luvas serviam para proteger as mãos, e o saco de pancadas era utilizado para que os lutadores pudessem treinar. A aluna Julia do 1º Ano A, disse que seu pai possuía uma luva diferente daquela apresentada na sala (já que a luva de seu pai cobria todos os dedos), e que já tinha visto seu pai treinar em uma academia com um saco de pancadas parecido

com aquele levado até a sala. Além disso, as turmas, coletivamente, tentaram descrever a forma como esta luta ocorria e também apontaram outros materiais presentes nesta prática corporal. No 1º Ano B, por exemplo, as crianças afirmaram que além das luvas usava-se capacete, e citaram golpes que não poderiam ocorrer; no 1º Ano D, os alunos disseram que a luta ocorria num colchão quadrado e que a luta acabava quando alguém era derrubado; no 1º Ano C algumas crianças disseram que os lutadores saíam sangrando no final da luta, que a mesma acabava quando um sino soava, e que o local de ocorrência desta prática era um colchão cercado. Vale salientar que, neste momento, em algumas das turmas (1<sup>os</sup> Anos A e B), surgiram discursos de alguns meninos acerca da participação feminina nesta luta, onde afirmavam que as mulheres eram mais fracas e que, por isso, não poderiam lutar, todavia as meninas destas turmas, quando indagadas sobre estas falas, afirmavam que iriam lutar sim. Estas foram algumas das muitas falas registradas durante as conversas nas diferentes turmas.

Em cada turma tentamos levantar as possibilidades de vivência desta luta e, em todas as salas, a resposta foi que iniciássemos realizando golpes no saco de pancadas. Desta maneira, algumas crianças explicaram, da maneira que conheciam, a forma como os(as) pugilistas desferiam golpes no saco de pancadas e, a partir da explicação destas crianças, tentamos fazer a vivência com este objeto. Ao organizarmos coletivamente esta vivência, os alunos disseram que deveria ser uma pessoa por vez a dar socos no saco de pancadas, e assim foi feito. Tal vivência durou mais de uma aula. Observei que muitas crianças não davam somente socos no saco de pancadas, mas também empurravam o mesmo, davam chutes, ou batiam como se estivessem dando tapas. Além disso, a aluna Giovanna, do 1º Ano B, disse “que a luva estava molhada por dentro”. Todas estas questões e observações foram levadas para uma conversa com as turmas. Primeiramente dialogamos sobre a questão levantada pela aluna Giovanna (que foi socializada com as outras turmas) e, a partir disso, pudemos abordar sobre o uso das bandagens sob as luvas, inclusive levando a imagem de um tipo de bandagem, e também sobre o uso individual das luvas. Na sequência, dialogamos sobre os diferentes gestos desferidos no saco de pancadas.

Neste momento, consultando o Caderno de Orientações Curriculares do Município de São Paulo para a disciplina, consegui definir as seguintes expectativas de aprendizagem para a sequência do trabalho: reconhecer os materiais de uso do boxe; identificar as características técnicas desta luta, mediante as vivências; e identificar e

discutir as ações preconceituosas referentes às questões de gênero presentes na luta e nas atividades vivenciadas.

Na aula seguinte, fizemos a leitura de um vídeo mostrando uma pugilista treinando num saco de pancadas. Durante o vídeo, os alunos, dentre outras coisas, falaram que a lutadora desviava do saco de pancadas em alguns momentos, e também realizava golpes de baixo para cima, e que ela não desferia chutes no objeto. A partir destas observações, tentamos aprofundar os conhecimentos acerca dos golpes realizados na luta de boxe. Desta maneira, nas aulas subseqüentes, intercalamos a leitura de vídeos mostrando, especificamente, alguns golpes e gestos realizados no boxe (jab, direto, upper/gancho, cruzado, esquiva e posição de guarda), com a vivência destes golpes no saco de pancadas e em outros materiais propostos pelas crianças e pelo professor, considerando algumas das circunstâncias das aulas (por exemplo, devido a grande demora para a vivência de todas as crianças no saco de pancadas, coletivamente, fazer a vivência dos golpes também em colchonetes, que eram segurados pelos próprios alunos).

As crianças tiveram contato também com outros materiais utilizados por lutadores e lutadoras de boxe: a bandagem e o protetor bucal. Tais materiais foram levados até a sala e puderam ser manipulados pelos alunos. Quando mostrado o protetor bucal, a aluna Julia do 1º Ano A explicou para sua turma como o seu pai fazia o uso deste material: “Primeiro ele esquenta na água quente e depois que ele fica mais mole meu pai encaixa nos dentes”. Esta fala foi socializada com as outras turmas. Além disso, a aluna também afirmou que seu pai, quando treinava com outra pessoa, utilizava outro objeto (que ela não soube nomear) parecido com um colchão que ficava enrolado nos seus braços para que o outro lutador pudesse dar socos.

Para avaliarmos o processo de estudo e os conhecimentos aprofundados pelos alunos até o momento, e reorganizar as futuras ações, foi proposto aos mesmos a realização de uma atividade onde pudessem identificar alguns dos objetos e materiais utilizados por pugilistas na luta.

Na sequência do estudo, a partir da leitura de algumas imagens, que mostravam diferentes momentos históricos do pugilismo, tentamos dialogar sobre o contexto de origem da luta, e as transformações ocorridas na mesma ao longo do tempo. Vale salientar que, devido ao meu total desconhecimento acerca deste conteúdo, busquei ao longo das semanas que antecederiam este momento, realizar pesquisas que pudessem me

revelar diferentes pontos de vista e me propiciar diferentes informações acerca do conteúdo que iria abordar.

Para melhor compreendermos a ocorrência social atual do boxe, fizemos a leitura de vídeos mostrando pugilistas (mulheres e homens) realizando lutas de boxe amador e de boxe profissional. Durante os vídeos, procuramos conversar e identificar alguns dos códigos presentes nestas lutas: regras, vestimentas, materiais utilizados, pessoas envolvidas, etc. Foi possível escutar falas dos alunos referentes a presença do juiz, ao uso do capacete no boxe amador, ao cinturão mostrado antes de iniciar a luta, e à forma de término da luta. Além disso, pudemos aprofundar alguns conhecimentos referentes às regras observadas, como: a divisão em rounds e o soar do sino, a proibição de atingir o oponente quando ele está no chão, dentre outras.

A partir dos vídeos observados, estabeleci uma conversa com cada turma tentando perceber as possibilidades de vivência da luta. Em todas as turmas, um grupo de crianças afirmava existir a possibilidade de realização da luta propriamente dita, enquanto outro grupo afirmava que não. Indagando um pouco mais os grupos que estavam a favor do desenvolvimento da luta, os mesmos tentaram propor maneiras para que a mesma fosse realizada. Desta forma, as outras crianças também foram participando deste processo de adaptação das regras, e passaram a aceitar a possibilidade de realização desta luta. Cada turma organizou a luta da sua maneira. Em comum surgiram: a necessidade do uso de colchões no chão; a proibição de golpes fortes e no rosto. Desta maneira, tentamos fazer a vivência da luta de boxe entre as crianças, durante algumas aulas, discutindo a cada aula alguns pontos observados e registrados durante as vivências, a fim de reorganizarmos a prática de maneira a favorecer todo o grupo de alunos. Numa destas discussões acerca da vivência realizada, indaguei as turmas quanto ao confronto de crianças com tamanhos diferentes. Alguns alunos disseram que isto não era justo, pois quem era maior teria também mais força e mais facilidade para acertar o colega. Desta maneira, dialogamos também sobre a divisão de categorias no boxe, feita pelo peso dos(as) pugilistas. Quando citado tal fato, imediatamente algumas das crianças do 1º Ano B disseram que poderíamos realizar a vivência também desta forma, separando as duplas pelos pesos de cada um. Tal sugestão foi levada às outras turmas e também aceita pelas mesmas. Desta maneira, numa das aulas seguintes, consegui emprestada, com o outro professor de Educação Física da escola, uma balança, que foi utilizada para a pesagem das crianças e para a

definição das duplas que iriam realizar a luta, conforma a proposta dos alunos. Nossas vivências posteriores dos confrontos foram realizadas seguindo esta organização.

Continuando o processo de estudo, fizemos a leitura de outro vídeo mostrando mulheres pugilistas realizando outras atividades num treinamento de boxe, dentre elas: a sombra, a manopla, o arremesso de bola, a corda e o sparring. Em conversa com a turma, decidimos, coletivamente, vivenciar algumas destas atividades.

Ao longo deste tempo de estudo, consegui, com o auxílio do outro professor de Educação Física da escola, entrar em contato com dois professores de boxe que ministravam aulas numa academia presente no bairro. Tais professores esclareceram algumas das dúvidas que surgiram no início do processo e também agendaram uma visita à escola. Desta maneira, em uma conversa com as turmas, elaboramos algumas perguntas para serem feitas a estes professores e aos pugilistas que viriam acompanhá-los. Este momento me permitiu, novamente, avaliar o processo de estudo e os conhecimentos aprofundados. Recebemos então a visita dos professores (ex-pugilistas) e dos pugilistas, que responderam as perguntas formuladas pelas crianças, fizeram algumas demonstrações e também apresentaram uma série de materiais e vestimentas às turmas, como: sapatilha, capacete, cinturão, luvas, etc.

Finalizando o estudo sobre o tema, conversamos sobre alguns pontos levantados ao longo da participação dos(as) pugilistas e dos professores em nossa aula, e também foi solicitado aos alunos que produzissem um novo desenho registrando o que aprenderam acerca do boxe, atentando-se para os materiais e as vestimentas utilizadas pelos(as) pugilistas, o local de prática, e as características dos(as) mesmos.

Durante todo o processo, além das atividades realizadas pelos alunos, foram mantidos registros feitos pelo professor a partir de: escritas, fotos e vídeos. Apesar de grandes fissuras e desalinhos, acredito que o processo de estudo possibilitou o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos acerca do tema escolhido.

### **Referências Bibliográficas:**

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo I. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT, 2007.